

Um dia antes da partida

Um dia antes da partida
Narrado por Ágatha



REGISTRO FOTOGRÁFICO POR MONIQUE GALVÃO

O dia despertava, o céu colorido — o azul se mesclava com o laranja do sol nascente — e os pássaros anunciavam um dia alegre, cheio de cores.

Acordei sem o auxílio do despertador.

Parecia aquelas crianças ansiosas pelo passeio da escola que não conseguem dormir, sonhando, de olhos abertos, com a diversão que as espera.

Espreguicei-me, sentei na beira da cama e olhei pela janela. Fiquei inerte por um tempo — os meus olhos fixos em qualquer lugar lá fora a imaginar o que nos esperava daquele dia em diante.

Eu sabia que não era uma despedida, não estávamos fechando uma porta.

Pelo contrário!

Eu e Gabriel seguíamos um plano que deu início no sonho longínquo, mas que, agora, estava prestes a se concretizar.

Levantei-me, e Gabriel já estava passando o café. A ansiedade não se dividiu por igual entre nós.

Eu percebi.

Parei na porta da cozinha, encostei na parede e fiquei observando cada movimento do meu amor.

Ele me olhou nos olhos com aquela tranquilidade inquieta de quem topa tudo — desde que seja com a gente. Não estávamos fugindo, estávamos indo em busca do desconhecido dentro de nós mesmos.

Gabriel, então, se aproximou de mim, segurou o meu rosto com as duas mãos e beijou a minha testa. Eu recebi e senti aquele carinho como uma afirmação de que estávamos fazendo a coisa certa.

Encostei a cabeça no seu peito e me encolhi feito criança como sempre fiz quando chegava do trabalho. Ele acariciou os meus cabelos e me levou até a mesa.

O café fresco e quente parecia um chá de ervas calmantes. Nossas mãos envoltas nas xícaras atenuaram a ansiedade. E, no silêncio daquela manhã, eu e Gabriel controlamos as nossas emoções, certos de que sonhos existem.

Fomos para a frente do quintal — onde estava o ônibus.

O ônibus — que havia chegado cansado, sem vida e com cheiro de ferrugem — estava vivo. Depositamos a nossa alma nele. Transformou-se em um motorhome que nos levaria para onde não sabíamos ir sozinhos.

Nossa casa...

Trinta dias...

O que viveríamos nesse período?

No decorrer da tarde, fiquei a refletir: trinta dias seriam suficientes para realizar um sonho? Conseguiríamos nos encontrar? Ou nos perderíamos de vez pelo caminho?

Muitas dúvidas assolaram o meu coração na véspera da nossa aventura.

Era normal!

Pelo menos tentei pensar assim. Nessas horas, eu queria ser como Pipoca e Soldado, nossos pets, que apenas viviam como se o mundo fosse acabar.

Nos últimos preparativos, cada objeto que eu guardava representava uma lembrança de tudo o que vivemos para chegarmos até ali. Cada caneca, cada almofada... tudo me levava ao passado doloroso. Sentimentos e sofrimentos foram ficando para trás. Fui abrindo espaço para o novo.

Gabriel estava na mesma sintonia que eu. Um pouco mais ansioso, porém reflexivo.

Um dia antes da partida

À noite, uma chuva veio para lavar tudo por dentro e por fora. Sentados na varanda, permanecemos em silêncio. Não por falta de assunto, mas por excesso de sentimentos, dessa vez, elevados.

Adormecemos no chão da sala, os quatro — nós, Pipoca, Soldado.

A estrada aguardava para ser desbravada, e nós estávamos exatamente onde ela começa.

Assim, deu início a nossa aventura, não com um passo, mas com a coragem de parar e escolher partir.

© Monique Galvão, 2025
Todos os direitos reservados.

Instagram: @moniquegalvaoescritora
E-mail: moniquescritora@gmail.com